

Entrevista

com Isabel dos Guimarães Sá

POR LEONOR GARCIA & LÍGIA DUARTE

A entrevistada desse quarto volume da *7 Mares* é a professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e pesquisadora associada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Isabel dos Guimarães Sá, especialista em temas como as Misericórdias portuguesas, infância, abandono, caridade e pobreza. Os organizadores do Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna foram ouvir a professora sobre diversos assuntos. Vamos a ela.

III EJIHM: O Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna conta já com três edições realizadas, estando a próxima prevista para 2015 no Porto. Qual lhe parece ser o principal contributo deste tipo de iniciativas, uma vez que se destinam a jovens investigadores?

Isabel dos Guimarães Sá: Acho maravilhoso que as pessoas se encontrem, se conheçam e troquem ideias. É muito importante que se habituem a fazê-lo desde o início da sua vida como investigadores. Sem trocas presenciais, que são possibilitadas antes de mais pela circulação de pessoas, a ciência decorre um tanto no vazio, porque deixamos de conhecer a materialidade dos nossos interlocutores. A web, com todas as possibilidades que oferece, não substitui a presença física; é preferível usar a internet numa fase posterior, para manter as relações estabelecidas. O investigador isolado tem tendência a desaparecer: a tendência atual é para as pessoas trabalharem em grupo, estabelecerem parcerias, e por vezes redes de investigação. É na discussão permanente de ideias que a historiografia se constrói. É muito importante que se perceba que hoje não estamos a trabalhar cada um no seu canto.

Por outro lado, ao organizar o EJIHM estamos a afirmar a nossa identidade como comunidade de pessoas com afinidades nos seus interesses de investigação. Neste caso, estamos a falar do Período Moderno (para os Brasileiros, do Brasil Colonial), que não ao acaso é um dos períodos cronológicos mais dinâmicos na nossa historiografia. Afirmarmo-nos como grupo é uma prioridade, mas sem esquecer que fazemos parte de totalidades mais abrangentes, a dos historiadores e a dos investigadores das ciências sociais e humanas, sob pena de nos auto-segregarmos.

III EJIHM: Globalmente como avalia o III EJIHM? Que aspectos lhe parece que podem vir a ser melhorados no futuro?

IGS: Correu muito bem, e estava belamente organizado, por um grupo de pessoas que dedicaram meses do seu tempo a prepará-lo e cujo esforço nunca será demais relembrar. Évora presta-se a estes eventos, precisamente porque é uma cidade cujo centro histórico data do século XVI. É fácil deslocarmo-nos, e não nos dispersamos. Já é costume constituir uma iniciativa inteiramente organizada por doutorandos, com uma intervenção mínima dos *seniores*, e a verdade é que os encontros têm vindo a melhorar sempre, o que significa que eles estão atentos às inovações que podem introduzir. Não sei como melhorá-los no futuro, mas parece-me que há uma característica que estes encontros devem manter a todo o custo: a internacionalização. A maior parte de nós tem poucos interlocutores nas suas micro-áreas, ou seja, o grau de especialização é de tal ordem que só as pessoas com temas de pesquisa afins nos leem, e por vezes encontram-se a muitos quilômetros de distância. É preciso saber encontrá-los e dar-nos a conhecer mutuamente.

III EJIHM: Olhando para a evolução da historiografia da época moderna nas últimas décadas, quais lhe parecem ser os maiores progressos? Que campos lhe parecem ter sido ainda pouco explorados?

IGS: Os principais progressos prendem-se sobretudo com a diversidade de temas e de abordagens existente, que permite que coexistam muitos modos diferentes de fazer História, sem que isso cause problemas na comunidade. Não penso em temas específicos que falte tratar (embora os haja, como é óbvio), mas sim na forma como abordamos a nossa investigação. Por exemplo, faltam ainda sínteses sobre a investigação recente que permitam perceber o que já foi feito, e o que falta fazer. Essa necessidade de balanços faz-se sentir praticamente em todas as seções convencionais da História (por mais artificiais que sejam estas etiquetas continuamos a falar de história econômica, política, social, etc.). Seria importante fazê-lo quanto antes, até para se direcionar a investigação de uma forma razoável, evitando temas repetidos, ou irrelevantes. Considero que por vezes os doutorandos não são capazes de encontrar o universal ou o geral nos temas que abordam, e daí que haja teses mais importantes do que outras. Não é uma questão de escala, mas sim de enfoque analítico. Haveria que dialogar mais com as disciplinas que produzem teoria. Embora a História também a produza, a Antropologia, a Sociologia, e a Filosofia, entre outras, estão constantemente a dar-nos ideias sobre a forma como resolver os problemas que a nossa investigação levanta.

III EJIHM: Uma vez que coordenou a Comissão Científica que analisou as cerca de 150 propostas submetidas a aprovação para este Encontro, como caracterizaria, em linhas gerais, os problemas em discussão? Parece-lhe que existem diferenças metodológicas significativas em relação à época em que começou a investigar?

IGS: Houve uma grande variedade de temas e de abordagens diferentes; por exemplo, tivemos historiadores de arte, que trataram temas de arquitetura, pintura e até de música. Por outro lado, há um interesse renovado pela história política e administrativa, que durante anos foram menosprezadas. E verifica-se que existe um fascínio sempre presente pelos temas relacionados com a Inquisição, o que não admira, uma vez que é uma instituição que o devir histórico tornou obsoleta, a ponto de nos continuar a intrigar.

Há muitas diferenças face à segunda metade dos anos oitenta quando comecei a investigar. Nessa altura, a nossa principal preocupação era aprender a usar o computador em benefício da História, o que se saldou por um sucesso estrepitoso e muito rápido. Em cinco anos, toda a gente passou a usar o seu computador pessoal. Hoje quase ninguém vai para um arquivo tomar notas à mão, e as pessoas aprendem rapidamente a usar as ferramentas informáticas mais adequadas às fontes documentais que tratam. Em contrapartida, pelo menos no meu caso pessoal, havia nessa altura uma falta de consciência face aos problemas teóricos que cada pesquisa comporta, e acho que as novas gerações estão mais conscientes do problema. No entanto, há um perigo muito grave que nos espreita: face às ditas “agências de rating”, empresas com fins lucrativos às quais é cada vez mais proporcionado um controle quase ilimitado sobre a nossa produção, estamos a arriscar uma coisa do tipo “todos falam e ninguém ouve (lê)”, ou “todos falam e ninguém diz nada”, tal é a pressão para publicar. Ou seja, parar para pensar parece-me ser a palavra de ordem, embora reconheça que estou a pedir o impossível para a gente que, injusta e infelizmente, é compelida a fazer curriculum “instantâneo”, como se de um pudim de gelatina se tratasse. A qualidade das publicações, que é o verdadeiro objetivo, passa para segundo plano, precisamente porque não é contabilizável. Não obstante, todos sabemos quem trabalha com mais qualidade, e é um absurdo tratar as obras de cada um ao quilo. Não faz sentido.

III EJIHM: Considerando que nos últimos vinte anos se fizeram progressos na ciência em Portugal que permitiram aos jovens investigadores desenvolver a sua formação com melhores condições, como encara o recente desinvestimento nesta área?

IGS: Um desastre, como é óbvio. Considero que a ciência não serve apenas para desenvolver o país; serve para vivermos melhor e sermos mais felizes, o que vai dar no mesmo, suponho. As ciências sociais e humanas são cada vez mais necessárias, dada a rapidez vertiginosa com que as nossas sociedades mudam; é preciso refletir sobre o que se passa, interpretar, explicar, já que tudo acontece tão depressa. Que alguém pretenda que uma pessoa que passou anos da sua vida a investigar e melhorar a sua formação é um inútil, é para mim um sacrilégio que me horroriza. Como se a maior parte da população trabalhasse na agricultura ou na indústria, isto é, na produção de bens ditos essenciais, a começar pelos políticos que nos governam... Reconheço que estamos demasiado ocupados a pagar uma dívida que se deixou chegar a um ponto insustentável (eis um bom tema de investigação), mas há limites para a ignorância, para não dizer pior.

III EJIHM: O referido investimento em ciência possibilitou, entre outras coisas, o intercâmbio de estudantes, permitindo a muitos investigadores portugueses fazerem investigação no estrangeiro e terem contato com outros meios académicos. Quais lhe parecem ser as principais vantagens desta circulação?

IGS: As mesmas que referi anteriormente. E mais: fazer com que alguém estude viajando, conheça outros meios académicos e outras pessoas, sempre discutindo ideias, é um passo muito importante para sermos *cidadãos* no mundo globalizado de hoje, a que temos de nos adaptar por força. Já poucos se podem dar ao luxo de serem provincianos na mentalidade e nas atitudes: só mesmo com um bom pano de fundo de localidade, que muitas vezes se resume a “compadrio” e “caciquismo” [risos].

III EJIHM: Em contraciclo com Portugal, o Brasil encontra-se numa fase de grande expansão acadêmica que tem permitido um maior contato entre as duas comunidades historiográficas, de que é exemplo o diálogo entre historiadores do período Moderno. Quais lhe parecem ser os principais benefícios que daí advêm?

IGS: Os benefícios são muitos, porque temos muitas afinidades entre nós. Não é à toa que um país coloniza outro; num primeiro momento ficam muitos ressentimentos, de resto legítimos, da parte de quem é colonizado. O Brasil conheceu a escravatura pela mão dos portugueses, e tem uma herança colonial pesada, de que parece estar a libertar-se apenas agora. Para os portugueses ficou um sentimento de culpa, pelo menos para alguns. Depois da revolta e da má consciência, num segundo momento, portugueses e brasileiros percebem que há linguagens comuns que possibilitam uma comunicação mais fácil, e não estou a falar apenas da língua portuguesa. Há formas de estar, de viver, de pensar as hierarquias sociais do período moderno, que portugueses e brasileiros reconhecem quando leem as fontes históricas, porque percebem do que se está a falar. Ou seja, há pontos de encontro importantes entre nós.

A nível pessoal, há também uma facilidade de relacionamento que nos permite estabelecer amizades que vão muito além das conveniências e interesses do momento.

Devemos notar que no encontro de Évora foi igualmente nítida uma presença importante de investigadores espanhóis, a provar que existe cada vez mais uma historiografia ibero-americana que se constitui como contraponto à tradição anglo-saxónica, hegemônica até há alguns anos atrás. É bom que tenhamos consciência de que podemos ter uma historiografia nossa.